

# Psicologia, psicanálise e relações étnicas no Brasil e na França<sup>1</sup>

**Regina Marques de Souza Oliveira**  
Universidade Federal do Recôncavo da  
Bahia (UFRB)  
marquesregina@uol.com.br

**DOI:** <https://doi.org/10.22481/odeere.v0i4.2365>

<sup>1</sup> Parte das discussões do texto foram financiadas pela agência CAPES, através do programa de Pós-Doutorado realizado no Instituto dos Mundos Africanos em Paris na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHEES/IMAF/Paris-França) em 2016.

**Resumo:** As relações entre Brasil e França quanto às dimensões de consideração sobre o racismo são semelhantes. No Brasil o mito da democracia racial impediu a percepção das injustiças e desigualdades pautadas na dimensão racializada. Na França o mesmo acontece com o mito da República – igualdade, liberdade e fraternidade. Porém estas insígnias são para os franceses não negros. A psicologia brasileira e a produção em saúde mental na França possuem suas diferenças. No Brasil o alheamento dos psicólogos na dimensão das relações étnicas é emblemático em pleno século 21. Na França, as discussões de Lacan sobre a psicanálise promoveram a expansão do campo psicológico a desbravar a dimensão étnica considerando Frantz Fanon e outros na compreensão do sofrimento psíquico e as relações étnicas na contemporaneidade. Neste mundo globalizado, com fluxos migratórios constantes, a discussão étnica é pauta primeira para a contemporaneidade. Lembrando que as populações negras, neste contexto, são as mais violentadas. Seja na Europa, nas Américas (Norte e Sul) e na África, as experiências da vivência da diáspora africana trazem experiências importantes para serem compartilhadas. Abordar parte destas imbricações e reflexões sobre os avanços e limites da psicologia no Brasil e na França no campo das relações étnicas e as relações com a atualidade nacional e global é o objetivo deste texto.

**Palavras-Chave:** psicologia, relações étnicas, racismo, saúde mental, violência.

**Abstract:** Relations between Brazil and France and the dimensions of consideration of racism are similar. In Brazil the myth of racial democracy prevented the perception of injustices and inequalities based on the racialized dimension. In France the same thing happens with the myth of the Republic - equality, freedom and fraternity. But these insinuations are for the non-black French. Brazilian psychology and production in mental health in France have their differences. In Brazil, the alienation of psychologists in the dimension of ethnic relations is emblematic in the 21st century. In France, Lacan's discussions of psychoanalysis promoted the expansion of the psychological field to explore the ethnic dimension considering Frantz Fanon and others in the understanding of psychic

suffering and the ethnic relations in the contemporaneity. In this globalized world, with constant migratory flows, ethnic discussion is the first agenda for contemporaneity. Recalling that black populations in this context are the most violated. Whether in Europe, the Americas (North and South) and Africa, experiences of the African diaspora bring important experiences to be shared. To address some of these imbrications and reflections on the advances and limits of psychology in Brazil and France in the field of ethnic relations and the relations with national and global actuality is the objective of this text.

**Keywords:** psychology, ethnic relations, racism, mental health, violence.

A psicologia brasileira inaugura-se no período da colonização e aborda dentre outras questões a natureza psicológica sobre o papel da mulher na sociedade<sup>2</sup>.

Ressalta o interesse pela psicologia da mulher na tentativa de definir o seu papel na sociedade colonial e pós-colonial. Há uma diferença muito grande entre a função ou valores atribuídos à mulher índia e os que se atribuem a mulher colonizada de acordo com os hábitos da cultura portuguesa<sup>3</sup>.

Nestes trabalhos a psicologia defende a instrução feminina e refuta a inferioridade mental da mulher.

Contrariamente, o pensamento psicológico se pronunciara através das ligas de Higiene Mental que propunha como uma das teorias, a teoria da degenerescência que significava a higienização e a disciplinarização da sociedade, através de uma hierarquia racial. No topo a raça ariana branca e na base a raça negra. Os teóricos da psicologia acreditavam serem os negros mais propensos à degeneração por considerarem que este possuía uma inferioridade biológica<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> MITSUKO, Aparecida Makino Antunes. A psicologia no Brasil – leitura histórica sobre sua constituição. EDUC: São Paulo, 2015, p.19.

<sup>3</sup> MASSIMI, M. Estudos históricos acerca da psicologia brasileira. In FREITAS, RH., (Org.) História da psicologia: pesquisa, formação, ensino. Rio de Janeiro: CPSP, 2008.

<sup>4</sup> MITSUKO, Aparecida Makino Antunes. A psicologia no Brasil – leitura histórica sobre sua constituição.

A psicologia alia-se, como se observa, a um projeto social de controle sobre os corpos e as pessoas, com vistas à disciplinarização. Promover a “ordem” urbana e excluir do convívio com a cidade os “desordeiros”, os “diferentes”, e os negros.

A tendência à imitação de modelos culturais estrangeiros é acentuada pelo fato de que a sociedade nacional da época procurava estruturarem-se como uma nação ocidental moderna, lançando os alicerces econômicos, políticos e culturais de um processo que deveria levar à sua realização como Nação. Nessa perspectiva, o passado colonial é avaliado negativamente e, na medida do possível, procura-se apagar seus traços – o que, a nosso ver; representa uma das razões da evidente descontinuidade entre as “ideias psicológicas” da época colonial e a “Psychologia” ensinada e elaborada nas escolas do século XIX<sup>5</sup>.

Conforme acima, a concepção de um país moderno significava apagar as marcas da população negra e indígena do território brasileiro. Pois o negro e o indígena não poderiam ser referências para a modernidade do contexto mundial. Em uma sociedade européia que possuía zoológicos humanos, com indígenas e africanos expostos como animais exóticos pertencentes a sociedades consideradas selvagens e barbaras, os governantes do Brasil com seu grande contingente de população negra queriam um futuro igual ao das sociedades europeias no que concerne a formação étnica de seu conjunto populacional. A ciência psicológica trazida inauguralmente pelos jesuítas católicos organizou-se para ser fidedigna a este ideal repleto da ideologia do branqueamento.

A subvenção da vinda de imigrantes europeus e asiáticos no contexto de São Paulo esta atrelado a este projeto político para a sociedade brasileira. Benefícios de terras e moradia para os brancos europeus que aqui chegavam eram financiados pelo governo brasileiro, que investia pesadamente na intenção de erradicar a população negra do território brasileiro no período de 50 anos. A ideia e valorização da mestiçagem, considerada um mal menor, também era uma forma de acreditar na supressão do elemento negro, a partir da valorização do mestiço.

Importante observar que os privilégios da brancura, inscrevem-se principalmente a partir do acesso aos bens materiais que a sociedade pode prover as pessoas. No caso dos imigrantes

---

EDUC: São Paulo, 2015, p. 42.

<sup>5</sup> MASSIMI, M. Estudos históricos acerca da psicologia brasileira. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 69-83. ISBN: 978-85-99662-83-0, p.75.

européus, o simples fato de serem brancos conferiu a eles o direito de serem-lhes realizada doação em dinheiro e terras para que pudessem fixar-se no território nacional. Observa-se um dispositivo político institucional que age afirmativamente em prol da permanência desta população no Brasil. Estabelece-se uma política de ação afirmativa para as populações europeias em nosso território, em detrimento e menosprezo à população negra que no pós-abolição encontrava-se desempregada, sem direito a comprar terras – além de não ter recebido nada após a abolição da escravização do africano – nada lhe foi ofertado para que pudesse prover o sustento fora das fazendas dos senhores brancos que os expulsaram. Ao contrário, foram oprimidos através das legislações que prendiam os que não possuíam emprego e trabalho, taxando os negros de desocupados, vagabundos e desordeiros. No entanto, o trabalho de seus corpos que foi o responsável pelas riquezas do Brasil e bem sabiam e poderiam continuar a realizar (nas fazendas como agricultores que eram), foram substituídos propositalmente pela mão de obra branca europeia: italianos, espanhóis e posteriormente os asiáticos japoneses no contexto de São Paulo. E por alemães, poloneses, entre outros, no contexto do Sul do Brasil.

Observa-se que a dimensão do racismo e as formas de genocídio da população negra possui o mesmo caráter perverso do racismo norte americano no pós-abolição. Enquanto nos Estados Unidos a população negra nos estados confederados do sul, são tratados como estranhos ao território e indignos de pertencerem a contexto norte americano como cidadãos e são violentamente assassinados, no Brasil as formas de extermínio ocorrem pelo impedimento do acesso ao mercado de trabalho, a fatalidade da indigência diante da falta de acesso aos postos de trabalho existentes e a degradação moral em função da perseguição das milícias policiais.

A violência do racismo conduz a morte pela indigência, pelo declínio moral, pela humilhação pública.

As mulheres negras, em função das necessidades dos trabalhos domésticos existentes nos espaços urbanos (limpeza, lavagem de roupas, cozinha, cuidado as crianças), elas conseguiram manter a dignidade familiar, tornando-se desde então as protagonistas de suas famílias, as que sustentavam seus filhos, os companheiros e os parentes extensos.

A força e protagonismo da mulher negra foram o combate e resistência à violência do racismo, porque no espaço urbano que tiveram que adequar-se no pós-abolição, tornaram-se quituteiras, vendedoras ambulantes de seus pratos e iguarias: cuscuz, pamonha, doces, frutas. Além de assumirem os postos destinados ao trabalho doméstico conforme já mencionado.

Esta qualidade de saúde mental e pioneirismo de enfrentamento da vida, herança da

ancestralidade africana que consagra a mulher e a mãe como seres sagrados e merecedores de todo o respeito e reverência, não impediram que grande parte das mulheres, homens e adolescentes negros fossem encarcerados nos hospitais psiquiátricos e celas policiais existentes nas cidades brasileiras.

A negação do tratamento de igualdade humana que as sociedades mundiais e o Brasil destinaram às populações negras, é responsável pelos inúmeros crimes e barbáries que trouxeram para as pessoas de ascendência negra africana o sentimento de humilhação, inferioridade, desvalor e desqualificação social.

O adoecimento mental para estes grupos humanos é um aspecto de epidemiologia em saúde e deveria assim ser melhor considerado no contexto brasileiro do SUS e do SUAS. Pois estas regulações em saúde e assistência social possuem dispositivos políticos que inscrevem a saúde da população negra como política do SUS. Porém a operacionalização do serviço na rede, bem como o preparo dos profissionais para o atendimento deste grupo étnico humano – população negra, não se organiza de modo adequado ou não se faz presente.

É nas cidades e no espaço urbano em que ocorre a luta pela vida, pelo acesso ao dinheiro e desenvolvimento econômico. Mesmo diante das dificuldades e barreiras erguidas contra a presença da população negra nas cidades, o protagonismo negro se inscreve e demonstra força de superação das oposições através da religiosidade. Marca das matrizes africanas. Através do espaço das irmandades negras católicas de Santa Efigênia, São Benedito, São Elesbão e Nossa Senhora do Rosário, os negros em varias cidades brasileiras, conseguiram preservar sua identidade, resgatar sua força moral e valor pessoal, resistindo ao massacre e crueldade física e psíquica a que estavam historicamente e perpetuamente submetidos desde o início da chegada às terras colonizadas pelos brancos europeus.

A psicologia brasileira ainda hoje é ausente na interpretação e consideração da memória deste contexto. Pois superando os entraves colocados pelo poder publico, os homens e mulheres negras também foram responsáveis pelo desenvolvimento de importantes cidades brasileiras como Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo.

Na cidade de São Paulo, a territorialidade negra no pós-abolição experimentou o escarnio do poder publico com a expulsão dos negros dos espaços de desenvolvimento do capital da cidade. A igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, o cemitério e as quitandas de aluguel construídas e mantidas para ajuda de africanos livres que em São Paulo chegavam, foram destruídas. Restou apenas o imóvel que os negros no pós-abolição alugavam para os irmãos

fazzanos que eram italianos<sup>6</sup>.

Hoje o restaurante e rede de hotéis fazzanos em São Paulo, nada guardam da memória que os possibilitou inserir-se no contexto paulista do largo do Rosário, em pleno centro da capital paulista, chefiado e ordenado pela irmandade negra.

O poder público ciente desta força empreendedora e econômica dos negros paulistas, por decreto, ordenou a desapropriação do local. Os irmãos fazzanos, inquilinos de umas das casinhas de aluguel que os negros a eles locavam foram os únicos privilegiados pela exclusão de todo o processo de desapropriação das terras da Irmandade Negra do Rosário de São Benedito. Eles, os italianos fazzanos, puderam permanecer no local comercial erguido, fomentado, construído e valorizado economicamente pelos negros de ascendência africana. O imóvel dos negros do Rosário alugado para os fazzanos não entrou na lista de desapropriação. Os fazzanos puderam permanecer no imóvel e todo o resto pertencente à Irmandade Negra do Rosário de São Benedito foi demolido.

Assim é que a relação do privilégio da brancura, através da desvalorização e humilhação das pessoas negras se inscreve nas relações de poder social, econômico e emocional no Brasil e no mundo. Pois hoje os fazzanos são ricos e bem posicionados social e economicamente, e os negros do Rosário não possuem o capital econômico e social similar aos que os brancos italianos fazzanos auferiram na mesma territorialidade urbana da cidade de São Paulo<sup>7</sup>.

Esta história da cidade de São Paulo, capital da América Latina, demonstra bem a prevalência da política de branqueamento imposta a sociedade brasileira no cenário paulista.

A psicologia brasileira em sua face inaugural no Brasil preteriu e relegou seus olhos a população negra os quais foram considerados portadores de uma herança genética amalgamada. Escravos de sangue degenerado<sup>8</sup>. A liga brasileira de higiene mental concebia um ideal eugênico, de higienização da sociedade brasileira, através sobretudo de atribuir aos africanos libertos e negros nascidos no Brasil a responsabilidade dos problemas sócio econômicos existentes. Os negros que eram considerados de “raça inferior” e o clima quente eram responsabilizados pelo atraso do país. Defendiam ideias do branqueamento da população brasileira na busca da “pureza racial”.

A psicologia enquanto fundamentação teórica e prática clínica buscava a higienização

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Reinaldo José de Oliveira. A cidade e o negro no Brasil – cidadania e território. Alameda Casa Editorial: São Paulo, 2013.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. A identidade de jovens negros nas periferias das metrópoles: recortes entre São Paulo e Paris. Tese de Doutorado e Psicologia Social. PUC/SP, 2008.

<sup>8</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. Espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

social do trabalho e da família, demarcando as diferenças raciais como aspectos negativos para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Raimundo Nina Rodrigues, médico maranhense, radicado na Bahia; Professor da Faculdade de Medicina da Bahia e grande produtor de pesquisas, fez com que esta faculdade fosse considerada como um dos mais importantes centros de pesquisas do país.

Foi Nina Rodrigues um dos mais importantes e veementes defensores da teoria da degenerescência, procurando mostrar em sua vasta obra as articulações entre a inferioridade racial e degeneração psíquica; abordando as manifestações religiosas de base afro-brasileira; que eram vista como manifestações de primitivismo, inferioridade e degeneração<sup>9</sup>.

Raimundo Nina Rodrigues criou e formou escola sobre a validade de suas teorias. Nomes importantes no contexto brasileiro estiveram ligados a Nina Rodrigues, como Arthur Ramos, por exemplo.

Arthur Ramos, considerado um dos principais expoentes da psicologia brasileira, no ano de 2001, foi homenageado pelo Conselho Federal de Psicologia no Brasil como importante personalidade que promoveu a discussão e elevação do pensamento psicológico no que se refere às relações étnicas e raciais.

Neste sentido, o Estado da Bahia é o precursor na psicologia do Brasil. É a Bahia que lança as pedras para formar o pensamento psicológico brasileiro. Artur Ramos, como discípulo de Nina Rodrigues, não era diferente dele. Ramos, em suas pesquisas psicológicas e escritos, disseminou o espírito de aceitação do negro no contexto brasileiro, mas mesmo ao tentar considerar o negro como ser em igualdade de desenvolvimento intelectual, fato que superficialmente o consideraram diferente do “mestre”, ele rejeitou justamente o elemento humanizante e humanizador de nossa cultura africana. Rejeitou as expressões religiosas, a língua, os hábitos e costumes. Considerando que o negro brasileiro deveria ser “educado”, ele promoveu a ideia de que eliminando a cultura de matriz africana, o Brasil desenvolveria um melhor prognóstico de desenvolvimento sócio econômico e cultural<sup>10</sup>.

No ano 2000 em pleno ingresso no século XXI os psicólogos brasileiros através do

---

<sup>9</sup> ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. A psicologia no Brasil. Leitura histórica sobre sua constituição. Educ : Sao Paulo, 2015, p.59.

<sup>10</sup> CONSORTE, Josildeth Gomes. A questão do negro – velhos e novos desafios. In : Sao Paulo em Perspectiva. Fund. SEAD, n. 5, janeiro/março, 1991.

Conselho Federal de Psicologia resolvem criar o prêmio Arthur Ramos, como homenagem a este que o contexto da psicologia considerou como o responsável por promover em seus trabalhos ideias sobre a igualdade racial entre brancos e negros a partir de estudos culturais da realidade brasileira. No entanto, este viés de pensamento do órgão de classe profissional dos psicólogos revela leitura superficial de suas ideias e um juízo crítico inexistente sobre a obra de Arthur Ramos e as análises que se inscrevem na antropologia e estudos sobre o negro no Brasil.

Fundamental considerar que foi Arthur Ramos quem efetivamente negligenciou e reiterou o conteúdo racista em relação ao negro brasileiro – o africano – na medida em que afirmou a necessidade de promover a educação dos africanos através da introdução de outros valores culturais distintos dos pertencentes à própria cultura negra africana<sup>11</sup>.

Ele entendia que negar a cultura e etnia de um grupo de africanos e comparar como superior outro grupo de cultura e etnia africana no conjunto de populações negras que forçadamente imigraram para o Brasil colonizado, era promover a valorização e igualdade cultural do negro com o branco. No entanto, ele apenas reproduziu de modo menos explícito a rejeição no negro na constituição da identidade do Brasil, tendo como exigência para a “igualdade” entre brancos e negros, o acesso ao negro africano de uma educação ao modelo do branco. Ou seja: a pele poderia ser escura, negra. De origem africana. No entanto a cultura, os valores, os modos de ser e de agir, deveriam ser necessariamente brancos. Porque explicitamente o que se diz em termos intersubjetivos é a não aceitação do africano em sua condição humana, pois a língua, a linguagem, as formas de ser, sentir, pensar, os hábitos, os costumes, as tradições, são os fundamentos da cultura, da condição do ser humano em suas especificidades e diferenças geográficas e étnicas.

Negar estes pilares em prol de uma educação aos modos da colonização branca, é promover discurso semelhante aos jesuítas na catequização de indígenas e posteriormente negros como seres “sem alma” e demoníacos em função de suas características distintas das europeias.

A intersubjetividade, a dimensão psíquica do negro, a formação da emocionalidade, estão sob esta influencia forte do contexto sócio antropológico e cultural da época brasileira. A qual possui correspondência com o cenário internacional que se passa na Europa e sobretudo na França.

Em Paris, as grandes avenidas e prédios verticalizados serão erguidos a fim de evitar as

---

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. A identidade de jovens negros nas periferias das metrópoles: recortes entre São Paulo e Paris. São Paulo, Tese de Doutorado, PUC/SP, 2008.

aglomerações da população que antes se reuniam nas ruas, nas praças, fomentando o debate e o diálogo público. Os bulevares (*boulevards*), e os altos edifícios tentam apagar a memória da insurgência popular que no passado culminou na Revolução Francesa. O higienismo passou a ser a marca da sociedade francesa moderna, com a retirada dos indesejáveis das ruas e encarceramento destes nos asilos, como no hospital Salpêtrière, onde Freud esteve presente com uma bolsa de estudos para o desenvolvimento de suas pesquisas sobre histeria a partir das experiências desenvolvidas por Charcot em Paris.

Arthur Ramos, rico brasileiro, formado pela escola baiana de medicina, também realizou grande parte de suas vivências em Paris. E os modelos de pensamento da psicologia da época, inspiravam-se na inclinação médica higienista, com a finalidade do apagamento da memória, do apagamento do passado e a necessidade de adormecimento dos corpos, a docilidade dos sentidos, cuja finalidade era extirpar a memória da insurgência, da revolução, da oposição e do não adestramento. Na França os indesejáveis eram as mulheres solteiras, os leprosos, as viúvas, os artistas não apadrinhados, os pobres insubmissos, os alcoólatras, e todos os párias existentes nas sociedades de todos os mundos. No Brasil, os indesejáveis eram os negros, homens e mulheres, os pobres e andarilhos, os bêbados e insurgentes de todos os tipos.

Paris, sempre foi o principal centro de desenvolvimento cultural, médico, em pesquisas em todos os campos do conhecimento na Europa, e os brasileiros, sempre atentos ao desenvolvimento europeu, por conta inclusive das relações que a monarquia portuguesa desenvolveu com a França e com a cultura francesa (Izabel, filha de Dom Pedro II foi esposa de Louis Philippe, um nobre francês e militar de alta patente, o Conde d'Eu), sempre estiveram exercendo atividades e estudos na Europa, como foi o caso de Arthur Ramos.

Arthur Ramos, discípulo de Nina Rodrigues, representa a força da pesquisa brasileira em saúde, sendo a Bahia o local deste apogeu. A Bahia, no Brasil, é o centro do desenvolvimento intelectual da época e a premissa ordem e progresso determinam os modos de pensar a saúde, a população brasileira – os negros – e os modos de adequá-los socialmente. A repressão e a moralidade e a educação formal ao estilo branco europeu foram impostas à população brasileira, e a cultura do africano e do indígena, desprezada enquanto valorativa ao contexto de formação do Brasil, que no início do século vinte, pretendia-se branco, foi rejeitada.

O mesmo se passa na Europa, em período cronológico anterior à realidade brasileira. Porém é importante observar que as ocorrências no cenário europeu, produzem reverberações no contexto brasileiro, principalmente no campo da saúde, e em nosso caso, na saúde mental e psicanálise e psicologia social.

As forças repressivas diante da moral e exigência europeia faz com que Freud observe as mulheres e seus adoecimentos psíquicos - sofrimentos.

Não é a toa que o grande mestre será capaz de observar a importância da memória na sociedade da época. A importância da consciência para a preservação e resgate da condição da saúde psíquica. Pois a emergência do inconsciente e sua prevalência na vida psíquica humana é produtora do adoecimento emocional grave, quando nos estados psicóticos.

A urbanização refletirá esta condição do aprisionamento psíquico e físico dos corpos humanos. E os corpos negros, nos espaços urbanos do Brasil devem ser estrategicamente mutilados, extintos, assassinados e destruídos – politicamente - a exemplo do higienismo francês e opressão vitoriana nas sociedades europeias.

Se Freud tornou-se mestre do inconsciente, foi porque ele, mais do que todos em sua época, teve a coragem, como Marx, de denunciar através de seu trabalho, a opressão existente na vida das pessoas. O cerceamento político e moral. E sobre as mulheres, a força da violência aniquiladora que as impedia de serem sujeitos de seus tempos. A histeria, sintoma de adoecimento psíquico de uma época, é a insurgência do pensamento, da sanidade, da tentativa de salvaguardar a vida psíquica da morte mental que leva a letargia dos corpos submissos.

As populações negras marginalizadas e também oprimidas e aniquiladas como as mulheres históricas de Freud, Breuer e Charcot, serão também o alvo da primazia do poder absoluto do autoritarismo masculino, branco-europeu.

Se na Europa estas populações eram exibidas nos zoológicos humanos no *Jardin da Aclimatacion* em Paris<sup>12</sup>, nas Américas, onde se encontravam nas senzalas e nos pelourinhos – instrumento de tortura para escravizados insubmissos - a população negra e indígena foi considerada selvagem, não humana. E as Américas um zoológico a céu aberto ao olhar do “mundo”, que era ideologicamente europeu.

A força negativa destes pilares indenitários para a sociedade brasileira delineou a necessidade de pretender-se branca, livre da presença e incursão negra africana e indígena. A ideia do branqueamento e também da branquitude são premissas psicológicas e indenitárias. De prejuízos emocionais graves não apenas a população negra, mas a problemas de saúde psíquica, emocional e mental das populações brancas e não negras do mundo.

Portanto, com o advento do regime democrático no Brasil, em 1988, a legislação do SUS e do SUAS, preconiza a participação social da população brasileira nas tomadas de decisão no referente às formas de operacionalização das políticas sociais e de saúde.

---

<sup>12</sup> VIGARELLO, Georges Vigarello. *Histoire du corps*. Ed. Seuil :Paris, 2006, p.225

Ainda que assim seja no formalismo da lei, a operacionalização ocorre sob a influência determinante do contexto subjetivo da formação psicológica e indenitária das pessoas. Para os profissionais de saúde, a formação que recebem está encharcada da ideologia do branqueamento idealizado pelos governantes e cientistas da época (Nina Rodrigues, por exemplo). O SUS e o SUAS são políticas importantes de desenvolvimento social e da saúde no Brasil. Mas a formação da identidade e o sentido do Brasil na formulação das vidas no cotidiano das pessoas e das instituições – nas universidades principalmente – reproduzem os patamares velhos de uma memória ainda prevalente nos modos de pensar, ser e agir frente às relações étnicas entre negros, brancos e indígenas.

Apesar destes pilares ideológicos sofrerem a contra faceta de movimentos de vanguarda como a semana de 1922 em São Paulo, com artistas brasileiros conectados internacionalmente que passaram a valorizar a presença do indígena e do negro no contexto de formação da sociedade brasileira, as transformações na condição efetiva de vida do negro e do indígena não se realizam.

As relações étnicas primam pela discussão da alteridade, da diferença. E são necessariamente inerentes à condição antropológica humana. Negar este atributo de desenvolvimento civilizacional é cair no abismo da loucura, da insanidade e da violência.

Conviver e valorizar as diferenças étnicas, no entanto, não é o efetivo na vida social das pessoas comuns. Na operacionalidade dos agentes de pesquisa em sua magnitude e na formação dos currículos em saúde, principalmente na saúde mental – afetiva, emocional, psicológica as condições comuns aos sentidos das pessoas em suas relações étnicas são reproduzidas sem maiores aprofundamentos críticos.

Sob tal circunstância, a psicologia que se desenvolveu no Brasil possui esta influência. Como apresentamos com Nina Rodrigues e Arthur Ramos.

Observe-se que mestre (Raimundo Nina Rodrigues), discípulo (Arthur Ramos) e a psicologia brasileira, quando resolve homenagear Arthur Ramos, sem discutir profundamente e criticamente a conceituação de seus escritos, estão do mesmo lado: da rejeição explícita da presença do africano escravizado e do negro brasileiro no território nacional em termos da não valorização de seus atributos culturais. Neste sentido, podemos dizer que a xenofobia e o racismo estão no componente não acessível do psiquismo individual e coletivo das pessoas. Pois, excluir, negar a cultura, e maltratar o valor da população negra para a formação do país por parte destes fundadores da psicologia foi o marco exaltado e reverenciado pelos psicólogos brasileiros em pleno início do século XXI, por seu órgão máximo de representação profissional, o

Conselho Federal de Psicologia<sup>13</sup>.

Os eflúvios destas formas de pensamentos retrógrados, reacionários, pouco explícitos em suas intenções e articulações maledicentes ecoam aqui em pleno final da segunda década do novo século.

Os primeiros trabalhos da psicanálise no Brasil começaram a ser escritos a partir do ano de 1914 e estavam sob a atmosfera destas ideias.

Considero que a psicologia no Brasil, através do contexto esboçado nos informa sobre o conluio desta ciência com os desejos e prerrogativas do colonizador branco europeu.

Notadamente é na Bahia, terra mais negra do Brasil, onde se dá a negação veemente do valor do africano escravizado para a ciência psicológica e ciência médica brasileira.

E da Bahia, os mares do Brasil são banhados por estas formas de pensamento xenofóbicos e racistas que inscrevem a ordem dos dias da psicologia brasileira.

O hoje em 2017, não é diferente do ontem de 1900 e 1914, anos de início dos trabalhos de Nina Rodrigues e ano do primeiro trabalho no Rio de Janeiro sobre psicanálise no Brasil.

De todo modo é preciso informar que Arthur Ramos foi de fato alguém que pretendeu valorizar o negro brasileiro. Suas ações e ativismo no contexto nacional e internacional renderam-lhe respeitabilidade, marca diferencial sobre sua forma de considerar a sociedade brasileira e as relações étnicas no Brasil e no mundo. Seus deslocamentos geográficos no mundo das ciências e pesquisas em Paris forneceram-lhe a condição de extrair-se de pensamentos puramente racistas. Temos admiração por seu trabalho e empenhos na produção psicológica que acaba por aliar-se as importantes dimensões históricas e antropológicas inerentes ao fazer em saúde mental e psicanalítico. Freud também, mais velho que Ramos, teve por princípio a interpretação da cultura, da sociedade de seu tempo. Ramos tem seu mérito e valor por este brilhantismo em distinguir-se de seu mestre quanto às formas rudes de pensar o negro e o indígena brasileiro apregoados por Nina Rodrigues.

Ex-alunos entrevistados, como o geógrafo Orlando Valverde, falam da profunda admiração pelo erudito e pelo homem afável que os orientou no início de suas carreiras, como primeiros licenciados e bacharéis das áreas de humanidades no Rio de Janeiro. Em suas aulas de antropologia aprenderam a importância da pesquisa de campo e o respeito pela cultura negra, até então objeto de ação policial. Quando tratava de sua concepção

---

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. A identidade de jovens negros nas periferias das metrópoles: recortes entre São Paulo e Paris. São Paulo, Tese de Doutorado, PUC/SP, 2008.

de antropologia aplicada, o mestre costumava enfatizar a responsabilidade do intelectual numa sociedade discriminadora das populações negras e mestiças, valorizando-lhes a contribuição para a nossa sociedade. Todos eles se disseram impactados não só com o dinamismo, mas por sua intensa produção intelectual, que então já lhe dava prestígio inter – nacional (Barros, 2004).<sup>14</sup>

Sabemos da importância de Ramos no contexto da pesquisa psicológica brasileira e sua forma diferenciada de conceber as relações étnicas em nossa sociedade. No entanto, ainda nos sentimos reticentes em relação ao fato de que ele considerou que o africano ex-escravizado, deveria adequar-se a uma sociedade politicamente montada pela ideologia do embranquecimento, e Ramos via na educação formal de negros e mestiços, como o meio de superar as diferenças de desenvolvimento destas populações no contexto do Brasil.

Em minha análise, considero que há em Ramos o representativo da ambiguidade clássica inerente a formação indenitária e psicológica do brasileiro que pode ser traduzido e representado por esta frase de nosso cotidiano social : - sim, há racismo no Brasil! mas eu não sou racista!

Ramos, como sujeito humano e brasileiro esta sujeito a esta mesma modalidade de inscrição psíquica. Pois o colo que sustenta o bebê, é o colo social, é o caldo de cultura, memória e ancestralidade que sustenta a criança.

Quando uma mãe embala ao colo seu filho, ela não o faz sozinha. Ela transmite o enredo de sua cultura, suas vivências. Quando ela nutre o seu filho e canta-lhe as cantigas para ninar, ela o nutre também não somente com o alimento e com a musica para os ouvidos do pequeno. Ela transmite os significados da sociedade, da civilização, os sentidos do pertencimento étnico, social, cultural e o legado humano impresso na digital (DNA) emocional dos sujeitos constituídos subjetivamente e objetivamente. Materialmente e psiquicamente. Socialmente e individualmente. Ou seja: dialeticamente (Oliveira, 2008) <sup>14</sup>.

Ramos, tentou ser e foi, um sujeito sério na defesa das populações negras e indígenas. Porém, substancialmente, em termos de formação de vida pessoal ele não rompeu com o preconceito dirigido ao ex-escravizado negro africano. Ele, em minha interpretação, não superou o efetivo racismo que estrutura e alicerça a vida emocional do brasileiro como um todo, da relação servo e senhor enquanto principio de superioridade hierárquica que funda o clientelismo

---

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Regina M.S. A identidade de jovens negros nas periferias das metropoles : recortes entre Sao Paulo e Paris. Tese de Doutorado em Psicologia Social, PUC/SP/EHESS/Paris, 2008.

e naturaliza a desigualdade de todas as formas. Ele foi o que hoje se chama de tolerância às diferenças. Mas como podemos conceber uma ideologia de tolerância à diferença se o eixo do significado da palavra tolerância é justamente aceitar algo que essencialmente não se aceita? Tolerância significa certo artificialismo de sentido. Pois refere diferença ou margem de erro admissível em relação a uma medida ou a um padrão.

A integração diretamente proposta por Ramos foi a educação. O negro educado passaria a ter valores e comportamento branco. E o mestiço seria um mal menor a ser “vencido” através do projeto político de branqueamento que a nação explicitamente preconizava.

Neste sentido a afirmação de um Brasil negro era inconcebível e a presença do negro situava-se nos meios intelectuais e artísticos como um elemento “bem-vindo” dentro de paradigmas específicos formulados pela sociedade branca detentora do poder econômico, social e cultural.

Esta modalidade de pensamento e ação é presente nas relações étnicas entre negros, brancos e indígenas no Brasil e são presentes também na formação dos currículos em saúde e psicologia.

O currículo do curso de psicologia de inúmeras universidades no Brasil<sup>15</sup>, revelam indisposição da psicologia e psicanálise brasileira em considerar a população negra como protagonista da sociedade brasileira. A invisibilidade do negro e do indígena é consistente nos documentos curriculares que relegam o assunto e não inscrevem as discussões já disponíveis na pesquisa brasileira, principalmente a partir da década de oitenta sobre estudos étnicos e raciais realizados por intelectuais e pesquisadores negros.

No contexto internacional, no caso a França, os estudos sobre relações étnicas, cultura, psicologia e psicanálise estão engajados para pensar as formas de interação das diferenças em face da realidade.

No Brasil, esta imbricação na psicologia, na psicanálise e na saúde mental é praticamente inexistente.

Obviamente há limites de expansão da consideração étnica na medida em que a França é também uma sociedade que convive, como nos, com um mito base estruturante de convivência ideológica. Se no Brasil possuímos ainda o *mito da democracia racial*; na França temos o *mito da república (igualdade, liberdade, fraternidade)*.

No entanto, na França, a Carta Magna, a constituição, o sentido de cidadania são

---

<sup>15</sup> Estamos considerando a análise que realizamos do Projeto Político Pedagógico do curso de psicologia de duas universidades públicas no estado da Bahia e duas no estado de São Paulo.

emblemáticos quanto à dimensão subjetiva do direito das populações humanas e sob este aspecto este valor inalienável da população francesa, garante o sentido restrito, porém existente, do direito e cidadania de negros e não brancos.

Sob tal perspectiva, na França, a psicologia e a psicanálise são mais viáveis para todos os tipos de populações. Os africanos do norte de pele clara – a população do Magreb – os africanos de pele mais escura, das inúmeras ex-colônias francesas, obtém o olhar dos psicólogos e psicanalistas franceses. E há clínicas, associações, subvenções e políticas do governo para o acesso deste público a estes serviços de saúde psicológica, psicanalítica e psiquiátrica a partir de aportes clínicos e sociais.

Em minhas atividades em 2016 no Centro Médico Psicológico Minkoviska, em Paris, fui pesquisadora associada e realizava atendimentos de africanos e estrangeiros residentes na França. Realizávamos semanalmente estudos de caso com a equipe clínica do Instituto, que é um pólo de pesquisa em saúde mental para populações de diferentes etnias e culturas. Há a preocupação em fornecer atendimento clínico social na língua materna das pessoas que necessitam dos atendimentos psíquicos.

Este diferencial da sociedade francesa não é presente no Brasil, que fecha os olhos para as especificidades da população negra e indígena no âmbito da saúde mental e da saúde como um todo.

A doença falciforme, por exemplo, é restritamente conhecida como agravo a saúde psíquica da população negra por profissionais de saúde mental. Este fato demonstra a separação da cultura e da realidade em nosso contexto. Mas a cultura é fundamental para o avanço da ciência e das relações étnicas.

Na perspectiva mental, Freud foi um pensador da cultura. Sabia da importância social da realidade na vida dos sujeitos. Por isso ele teve a difusão de suas obras traduzidas do alemão para o francês, a partir da proteção que recebeu de amigos franceses que o esconderam durante o regime nazista que invadiu a Europa. Foi pela língua francesa, língua milenarmente falada por todos os nobres europeus, que a obra do mestre alemão foi traduzida para outros idiomas. Sem contar que foi em Salpêtrière, hospital em Paris, que Freud parte para suas investidas mais preciosas sobre a investigação psicanalítica.

Os estudos freudianos são bem recebidos em Paris, como é por Paris que Freud é dado a conhecer ao mundo. E é com Melanie Klein, através de Virginia Bicudo, e Lacan, um francês, que a psicanálise no Brasil será investigada por alguns ainda poucos psicanalistas que consideram a validade de pensar relações étnicas e psicanálise/psicologia. Os psicanalistas de tênis e calças

jeans, como nos informa a biografia de Lacan, Elisabeth Roudinesco quando esteve no Brasil em 1995<sup>16</sup>.

No Brasil foi Virginia Bicudo, uma mulher negra, filha de imigrante italiana com negro brasileiro, nascido na vigência da Lei do Ventre Livre, a primeira intelectual no contexto brasileiro a trazer a psicanálise para o Brasil em termos de técnica clínica em saúde mental.

Em São Paulo, ela fortaleceu e desenvolveu com Durval Marcondes a fundação e consolidação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Foi uma das difusoras incansáveis da importância primordial de Freud, pensador da cultura e a sociedade para a compreensão do psiquismo humano e desenvolvimento social em São Paulo e Brasília<sup>17</sup>. Compreender o sofrimento emocional a partir das premissas que Freud, pensador da cultura, pensou: as diferenças étnicas, a racialidade, o racismo, a alteridade, a perversão, a violência, o escárnio diante do outro. Na tensão e no conflito que é a condição humana, este foi o percurso eminente de Virginia. Seu protagonismo vibrante que colocou a psicanálise brasileira reconhecida pela IPA – Associação Internacional de Psicanálise.

Virginia Bicudo foi como as mulheres negras que entoaram seus cantos e realizaram grandes feitos para salvaguardar suas famílias, seus companheiros, seus filhos. Seus quitutes e seus trabalhos domésticos organizavam a vida dos brancos nos espaços urbanos e elas se mantinham vivas em corpos resistentes a violência psíquica da desigualdade humana perpetrada pelo racismo embaladas que foram pelas vozes de suas mães.

O calor abafado bate nos corpos imóveis.

O odor persevera. Ele se mistura com o som dos ferros e se torna pesado na escuridão persistente; se sobrepõe às palavras que cada um, por reflexo, não pode mais que apenas sussurrar.

Em posição fetal, deitados do lado esquerdo, eles subsistem, cerrando os dentes aos gemidos e estampidos, acostumando-se com os humores do mar...

São assim, entre dores e sofrimentos, que eles conseguem distinguir a noite do dia, conforme as batidas das águas contra o casco do navio, bem como as mais sutis variações do vai e vem dos marinheiros no convés. Eles são capazes de perceber precisamente o

<sup>16</sup> ROUDINESCO, Elisabeth. Entrevista no Roda Viva, TV Cultura ; SP/Brasil, 1995.

<sup>17</sup> ABRAO, Jorge Luis Ferreira. Virginia Bicudo : a trajetória de uma psicanalista brasileira. Arte e Ciencia Editora/FAPESP : Sao Paulo, 2010.

momento quando a agitação cede sucedendo-se assim a penumbra que jamais se altera, na canção dos tempos.

As primeiras revoltas nasceram desta eximia capacidade de compreender o ciclo do dia e da noite.

E isto foram as mulheres que iniciaram.

Elas não podem mais abafar os gemidos que afligem suas gargantas. Mas elas os deixam úmidos e com frescor. Tornam o timbre suave e macio, apreendendo-os e transformando-os visceralmente em notas de blues e saudades<sup>18</sup>.

Virginia Bicudo, mulher de ascendência africana, negra, psicanalista e intelectual brasileira é referência importante para a história da psicologia, da psicanálise e das relações étnicas e raciais. Mereceria vários prêmios e honrarias por ter sido a primeira estudiosa a escrever a primeira tese sobre relações étnicas e raciais no Brasil. Ela protagonizou a difusão da psicanálise brasileira em diferentes contextos: escolas, universidade, programas de rádio, enfim, no contexto nacional e internacional. Uma mulher intelectual de grande expressão para sua época e para além de seu tempo.<sup>19</sup> Mas é um homem, branco, discípulo de Nina Rodrigues, que aufere a reverência. Ela é mulher, é negra, intelectual, de origem pobre. Um pouco mais jovem que Ramos. Ele é homem, branco, rico, intelectual.

Estas realidades são presentes na formulação dos currículos nas universidades. Pois estas ações são realizações humanas de mulheres e homens. E estes seres são considerados e reverenciados conforme as vigências do contexto sócio étnico e cultural.

Nas ciências, ambientes acadêmicos e também na psicologia, o racismo, o privilégio de brancos e homens são sobrepostos em detrimento das mulheres. Principalmente as negras. Que são raras (as negras), mas felizmente já se encontram nas academias científicas produzindo um contra discurso hegemônico de poder da supremacia branca que ainda representa a produção e investigação psicológica brasileira. Embora em caráter menos evidente – pois politicamente com as diretrizes nacionais surgidas pelas lutas dos movimentos sociais, como o SUS, o SUAS, a

<sup>18</sup> TAUBIRA, Cristiane. *L'esclavage raconté à ma fille – une histoire à contrê et a interroger*. Paris, 2015, p. 7. Tradução pela autora do texto.

<sup>19</sup> BRAGA, Ana Paula Mussati. *Pelas trilhas de Virginia Bicudo : psicanálise e relações raciais em São Paulo*. Revista Lacuna – uma revista de psicanálise, 06/12/2016, numero 2, ISSN – 2447-2663.

Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (Portaria 992/09 de 13 de maio de 2009), é pejorativo para os universos acadêmicos atestarem-se contrários aos intelectuais e produtores de ciência psicológica que arbitram a favor destes enredos. Porém as forças políticas – brancos - existentes historicamente no universo acadêmico, naturalmente elitista e pro-dominação e subjugação das mulheres, dos negros, e dos diferentes, acabam ainda por ocuparem em primazia os postos decisórios de poder nos ambientes universitários e de produção técnico científica.

Virginia Bicudo, partiu de seu próprio sofrimento emocional diante das atrocidades vividas pela violência do racismo para tornar-se a brilhante pensadora e intelectual que foi no Brasil e com expressão internacional na Inglaterra. Assim como Freud, ela pensou a cultura, seu universo de sofrimento e as relações com a sociedade, as relações étnicas, os aportes sócio antropológicos e filosóficos que compõem o patamar e alicerce das civilizações humanas para pensar o sujeito psíquico e social, a saúde mental, a psicanálise e a psicologia. Freud também, trouxe para o discurso médico psiquiátrico a possibilidade de pensar a alteridade, a importância da valorização da memória, enquanto produção da autonomia do sujeito diante da condição do inerente sofrimento humano diante das mazelas e diferenças sociais (preconceito, discriminação, negação da alteridade com a violência da opressão, a restrição de liberdade). Freud, pensador da cultura, foi mestre porque não se alienou na tentativa de idealizar uma verdade inexistente. A grandeza freudiana e de sua obra resiste na obrigação de revelar a verdade, considerar o real existente, sem subterfúgios e arranjos políticos mascarados. O preço desta necessidade e grandiosidade nem sempre é valorizado em todos os tempos. Provavelmente Virginia, mulher, intelectual e negra, passou pelo ostracismo de seus feitos. E em vida, foi reconhecida enquanto mulher não negra.

Em artigos sobre técnicas, volume doze das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, o mestre nos dá a refletir sobre estórias da civilização humana, os mitos, que representam o atestado da presença simbólica do psiquismo, das relações étnicas e antropológicas, do pensamento psicanalítico atrelado à condição de pensar a cultura, as místicas, o judaísmo, a diferença, a racialidade.

Enquanto judeu assimilado, Freud considerava explicitamente em suas obras a importância da cultura, da subjetividade intrinsecamente atrelada ao conflito, à tensão, à diversidade sendo os mitos e os sonhos seus elementos principais de formulações psicanalíticas para desvendamento e observações da vida psíquica e da subjetividade humana face ao mundo

inédito e sempre em conflito<sup>20</sup>.

No volume doze ele escreve brevemente sobre Diana – Ártêmis - no texto *Grande é Diana dos Efésios*. Neste escrito Freud nos traz a deusa da caça, a protetora das virgens e das mulheres grávidas. A guardiã das florestas<sup>21</sup>.

Em termos de cultura e relações étnicas (raciais) temos no Brasil nossas matrizes de configurações psicoemocionais que são advindas das matrizes negras africanas.

Se Freud formulou a ideia de psiquismo a partir da noção do mito grego Édipo, os africanos e os brasileiros com sua memória transgeracional vinda da diáspora africana, observam que Ewa não é Diana, nem a Deusa grega Ártêmis. Mas há um correspondente cultural que observa o percurso de desenvolvimento humano em todas as culturas que em suas diferenças alcançam similaridades e necessárias trocas de epistemologias e conhecimentos.

Igualmente, se Diana não é Ewa, mas simbolicamente nos parece ser nas vestimentas, na forma da representação da Deusa; a Vênus de Milos, mensageira de Zeus, a Deusa do Amor Afrodite, possui também o correspondente de matriz africana brasileira que é Oxum.

Oxum é o amor sublime, ela é a mensageira do amor de Oxalá, o grande pai, que nos quer bem. Com Oxum deusa da riqueza e o amor, tudo se torna possível e belo...Felicidade!

Finalmente os sonhos, o responsável pela obra máxima freudiana que o consagrou no mesmo ano em que no Brasil Nina Rodrigues enxovalhava o contexto psicológico e médico com ideias segregacionistas e racistas sobre a necessidade da eliminação do negro do território brasileiro, sendo o apoiador epistemológico da política de branqueamento da população brasileira para o desenvolvimento social e econômico do país, Freud lançava no mundo, em 1900 a *Interpretação dos Sonhos*. Freud como judeu, marcado pelo racismo, racismo e xenofobia, sabia, sempre sabia, da importância da alteridade e da diferença e dos modos de sutilmente não explicitar suas direções políticas, sem contudo omitir-se do compromisso de oferecer e plantar bons frutos para o seu tempo.

No Brasil e no mundo, os africanistas, como o pensador africano reconhecido mundialmente o Mestre Amadou Hampatê Bâ, também nos ensina: que os sonhos, são elementos fundamentais da cultura humana civilizatória africana. Faz parte de suas matrizes fundadoras

<sup>20</sup> GAY, Peter. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. Cia das Letras :Sao Paulo, 1989.

<sup>21</sup> FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*, Vol. 12, Ed. Imago : Rio de Janeiro, 1987.

civilizacionais. Diz ele:

Em África, é comum uma pessoa andar léguas de distância apenas para comunicar um sonho, e depois retornar ao seu destino, dada a importância dos sonhos como constitutivos da vida social e do papel transformador e atualizador da cultura na civilização africana<sup>22</sup>.

A interpretação dos sonhos em Freud, nos ensina a importância e existência da vida mental, da relação com o inconsciente até então impensável na cultura do mundo do ocidente.

Porém para Amadou, o africano do Mali, premiado pela UNESCO, e as parteiras dos quilombos, as rezadeiras das congadas negras de São Benedito e Santa Barbara, sabem do valor dos sonhos, das rezas para a afirmação do psiquismo e identidade de sujeitos.

Outra coisa que incomoda os ocidentais é a frequente intervenção de sonhos premonitórios, previsões e outros fenômenos do gênero. Mas a vida africana é entremeada deste tipo de acontecimentos que, para nós, são parte do dia-dia e não nos surpreendem de maneira alguma<sup>23</sup>.

Muito antes de Freud, são os africanos que tem registrado oralmente os processos civilizatórios do mundo. Há uma rota de travessia onde todos são instados a atravessar.

Muito antes de Freud são os africanos que tem a condição de transitar entre o inconsciente e o consciente, e saber da importância desta reflexão e pensamento sobre a vida do cotidiano dos sujeitos humanos. Cito Hampâte Bâ:

Nas narrativas africanas, em que o passado é revivido como uma experiência atua de

---

<sup>22</sup> HAMPATE BÂ, Amadou. Amkoullel, o menino fula. Palas Athena/Casa das Áfricas: São Paulo, 2000, p 15.

<sup>23</sup> Idem. Ibidem. p.17.

forma quase intemporal, às vezes surge um certo caos que incomoda os espíritos ocidentais. Mas nós nos encaixamos perfeitamente nele. Sentimo-nos à vontade como peixes num mar onde as moléculas de água se misturam para formar um todo vivo<sup>24</sup>.

A epistemologia africana entende e sabe fazer com maestria a técnica da atenção flutuante. Habilidade tão cara ao psicanalista, como tem que aos ocidentais Freud ensinar em seu compêndio sobre técnicas e interpretação psicanalítica.

No gabinete de Freud ele tinha estatuas, livros sobre mitologia, religião, cabalas. Aparentemente, no que concerne aos adornos de seu local de trabalho, Freud era pessoa que admirava e nutria interesse pela etnicidade, pela alteridade, pela diferença cultural inerente ao mosaico da vida humana. Freud, como judeu tinha em sua ancestralidade a marca da diáspora, do deslocamento.

Igualmente, a população negra atravessa forçadamente o mar do Atlântico. Surge a diáspora africana e a África aporta em diferentes continentes do mundo. Um mundo negro se apresenta em diferentes geografias. Essa diáspora negra encontra a resistência dos que insistem em negar a importância da cultura e do valor da igualdade e diferença entre os sujeitos.

Simbologias da diáspora negra encontram correspondentes nas simbologias ocidentais : Ártemis pode corresponder a Ewa, Oxum a Afrodite, Minerva a Iansã, Júpiter a Ogum.

É interessante saber que o nome Júpiter possui relações com o dia da semana “jeudi” em francês, que significa “quinta-feira”. Correspondentemente, quinta feira é o dia da semana dedicado a Ogum no Brasil pelas religiões de matrizes africanas. Note-se que se Afrodite, Minerva, Júpiter, Apolo, dentre outros são conhecidos e considerados como conhecimento presente e importante para o desenvolvimento das ciências e epistemologias em diferentes campos, na psicanálise e filosofia, inclusive; no Brasil, Oxum, Ewa, Iansã, Iemanjá, Ogum, e outros são ainda “apenas” entidades religiosas de matriz africana. E muitas vezes associados a expressões demoníacas. A correspondência valorativa cultural não é simétrica em relação ao processo civilizacional de matriz africana. Todos estes, originários na África e ressurgidos no Brasil, possuem qualidades civilizatórias do contexto mundial, tanto quanto os mitos e deuses

---

<sup>24</sup> HAMPATE BÂ, Amadou. Amkoullel, o menino fula. Palas Athena/Casa das Áfricas: São Paulo, 2000, p.14.

surgidos na Europa/Grécia.

Eles, no Brasil, na África e na Europa, são representantes civilizacionais da vida humana, da espécie humana, da raça, se assim quisermos dizer, humana. Mas os símbolos civilizatórios de matriz negro africana são considerados inferiores, como pertencentes a sociedades selvagens, tribais, não desenvolvidas e não civilizadas, sem valor epistemológico, pertencente a povos bárbaros e de religiões demoníacas.

Porém, as mesmas circunstâncias civilizatórias entre os mitos e deuses africanos e gregos são efetivamente importantes para as condições de desenvolvimento mental e cultural do mundo e civilização humana.

Sim somos todos, em nossas diferenças, humanos. Mesmo que a psicologia e a psicanálise no Brasil e no Recôncavo, ainda tenham dificuldade de observar a ferida existente em seu caminho e constituição epistemológica na Bahia, e por consequência e história, nos contextos do Brasil. Assim nos posicionamos porque estamos desenvolvendo noções que observamos no contexto da Bahia a partir de nossa experiência de pesquisa e docência. Articulando as vivências que temos observado no contexto da diáspora francesa em 2007 e 2016 a partir das pesquisas em Paris realizadas<sup>25</sup>.

As relações da psicanálise, psicologia e relações étnicas no Brasil e na França evidenciam distâncias muito largas apesar da proximidades étnico cultural dos contextos.

No Brasil a psicologia e psicanálise são extremamente herméticas para considerar as dimensões étnicas e raciais na organização de políticas, currículos formativos em saúde, e presença formal na universidade brasileira da valorização da população negra na formação econômica, social, política e cultural do Brasil.

Na França a discussão é emergente desde Frantz Fanon, nas acadêmias científicas e no movimento social, embora o mito da República Francesa, tenha impedido o contexto francês de difundir de modo mais expressivo as ideias de Fanon no contexto europeu para além da França. Fanon foi e é reverenciado e muito difundido no contexto norte americano, ganhando cadeiras e

---

<sup>25</sup> As observações da diáspora negra na França, em Paris, no que tange a condição emocional e de saúde mental foram registradas em nossos trabalhos em 2008, *A identidade de jovens negros nas periferias das metrópole : recortes entre São Paulo e Paris* ; e em 2016, *Violência e Território : Saúde Mental da População Negra no Brasil e da Diáspora Africana em Paris*. Ambas as pesquisas foram financiadas pela CAPES, respectivamente Tese de Doutorado e Pesquisa de Pós-Doutorado.

programas específicos nas academias universitárias.

As lutas pelos direitos civis nos EUA, com Rosa Parker e Martin Luther King trouxeram para os contextos populares do Brasil Frantz Fanon e outras expressões negras do cenário norte americano.

Fanon, entra no contexto da pesquisa e academia brasileira não pela porta da frente, pela legitimidade e grandeza de seu trabalho. Ele entra pela força e resistência do movimento negro, que reconhecendo seu valor o difunde nas reuniões políticas de um Brasil que se quer mais justo, igual e democrático.

A relação da psicanálise e psicologia com as relações étnicas e raciais é ainda remota no contexto brasileiro e é preciso aceitar esta constatação a fim de que algum nível de articulação transformadora possa acontecer em favor da saúde mental da população negra e não negra no Brasil.

Na atualidade, o racismo, a xenofobia, a discriminação, o estigma e o preconceito têm atingido diferentes grupos populacionais e não apenas os negros e indígenas. Mas é nestes grupos humanos que o racismo e a violência acabam sendo gritantes em todos os seus níveis.

Em São Paulo africanos do Mali sofrem discriminação na construção civil. São tratados como escravos, não possuem condições de auferir melhores salários apesar da extensa carga de trabalho a que são submetidos. Muitos trabalham para pagar a comida que comem. Varias tem sido as denúncias sobre as condições de tratamento dos africanos no estado paulista no que concerne ao racismo e discriminação de origem étnica e racial em primeiro lugar e de nacionalidade em segundo lugar<sup>26</sup>.

Seria importante perguntar se os povos que aqui chegam não possuíssem a pele negra, será que receberiam este mesmo tratamento frontalmente racista e discriminatório em função da cor da pele?

As pesquisas em relações étnicas, psicologia e psicanálise devem ser organizadas para responder questões como estas que são cada vez mais presentes nas sociedades globais contemporâneas .

A psicologia brasileira, apesar de um arsenal e aparato importante desenvolvido ao longo

---

<sup>26</sup> Reporter Brasil. Grupo de Teatro Malinês. Video : Cenas da Construção Civi em Sao Paulol, 2016.

dos anos pela antropologia, ciências sociais e educação, não possui ainda as condições formativas nos programas e currículos de graduação para fomentar esta necessidade emergente no contexto da pesquisa de qualidade nacional e internacional.

Nossas produções são ainda muito efêmeras e sem consistência dentro do campo específico. Os psicólogos desenvolvem estudos geralmente nas ciências sociais, história e antropologia, restando o campo da psicologia social como um dos únicos possíveis (a depender inclusive da universidade e centro de pesquisa que o candidato se inscreve) espaço de discussão mais afirmada dentro da psicologia.

O contexto francês, dadas as semelhanças sócio culturais da presença do mito da democracia e das formas de integração e sociabilidade entre negros, brancos e mestiços, pode favorecer o avanço da pesquisa psicológica no contexto das relações étnicas. Porque embora semelhante, consegue fornecer melhor acesso dos “diferentes” aos espaços sociais de garantia de cidadania.

O grande problema mundial do racismo e da violência atravessa e se propaga na contemporaneidade de todas as sociedades neste século. A psicologia possui a competência técnica de fornecer as respostas e as saídas para a incrementação e criação de políticas de saúde mental necessárias para o desenvolvimento do mundo. Neste momento de crise de valores e decadência do humanismo, a psicologia, enquanto ciência dos sentidos e do sofrimento emocional humano, pode ser uma ferramenta importante de diálogo e reconstrução de um mundo mais comunitário e fraterno.

O problema étnico e racial atinge a todos: negros e não negros. Evidentemente os negros, indígenas entre os “diferentes de todos os tipos”, são os mais violentados historicamente; porque não lhes foi e não lhes é reconhecido o crime e barbárie cometidos contra seus antepassados. Crime que resulta em extremos índices de defasagens em desenvolvimento geral destas populações.

Na segunda metade do século XX um segundo grande genocídio racista e violento aconteceu. Os judeus foram os exterminados.

Mas antes deles, no século XV, a população negra na África, já passava pelas circunstâncias do escravismo que culminou na colonização que foi fonte de propagação de ideologias racialistas a fim de justificar a violência contra o africano escravizado em terras

estrangeiras.

Esta pergunta a psicologia mundial e brasileira precisa se dedicar a responder: Por que existe uma memória pública do genocídio judeu, como injustiça do holocausto e não existe esta mesma significação quando se trata de observar o genocídio e violência perpetrada com a população negra africana?

Uma senhora judia organizou uma conferência em saúde mental para compreender as formas de tratamento diante do sofrimento da guerra, da violência e da injustiça étnica racial. Nesta conferência, após mais de cinquenta anos de um episódio ocorrido na infância de sua vida, ela reencontrou uma psiquiatra, que, no passado, havia recebido dela um pedaço de chocolate que lhe salvou a vida diante do massacre da guerra e do extermínio ao povo judeu. Foi uma situação emocionante, porque passados mais de 40 anos, as mulheres se reencontraram e foram capazes de atestar o valor da solidariedade, da sanidade mental diante da força dos valores humanos de reciprocidade, interdependência, fraternidade<sup>27</sup>.

Sobre o chocolate, Peter Gay (2000) informa as preocupações de Freud nos anos de guerra. Sua atividade principal era organizar seus recursos financeiros para comprar e embalar cuidadosamente chocolates para enviar a seus familiares. Ele precisava embalar de forma que não se percebesse que eram chocolates para durante o percurso do envio não serem extraviados; pois eram a subsistência física de seus entes queridos<sup>28</sup>. Nos tempos da guerra o chocolate representou a condição mais valiosa de alimento para sustentação da vida precarizada e vulnerabilizada diante da constante exposição à morte diante da carência de tudo (comida, acesso à médicos, fraqueza física, falta de vitaminas, fome). O pedaço de chocolate, que na época da guerra significava a salvação do corpo diante da fome inerente à guerra, era algo valioso diante de circunstâncias de sobrevivência ou declínio fatal à morte.

Em 1938, Sigmund Freud foi obrigado a abandonar a Áustria ante a ocupação nazista do dia 12 de março desse ano. Nesse triste dia, Freud escrevia na sua *Chronik: "Finis Austriae"*. Por isso, após longas e penosas negociações com os nazistas, parte da família Freud - quatro irmãs morreriam mais tarde nos campos de concentração - em 4 de junho de 1938, graças à ajuda inestimável de seus amigos e discípulos, principalmente, Ernest

<sup>27</sup> Filme de Yann Arthus-Bertrand. Fundação Bettencourt Schueller HUMAN ; « Francine Christophe, 2015.

<sup>28</sup> GAY, Peter. Sigmundo Freud – uma vida para o nosso tempo. Cia das Letras : Sao Paulo, 2000.

Jones e Marie Bonaparte, pôde deixar Viena, via Paris, rumo a Londres.<sup>29</sup>

A princesa Marie Bonaparte, ajudou o exílio de Freud enquanto judeu marcado pela violência do racismo étnico. A mãe da pequena desconhecida judia observando a possibilidade da morte de uma mulher que entraria em trabalho de parto que com tanta fraqueza não resistiria viva ofereceu o único pedaço de chocolate, destinado a sua filha, para salvaguardar a vida de duas pessoas – uma gestante que se tornaria mãe e um bebê, ambos sob a face terrorífica da morte. O pedaço de chocolate preciosamente guardado para circunstâncias extremas fora, não sem tensão, ofertado a parturiente, que conseguiu sobreviver ao sacrifício do parto dentro de um campo de concentração nazista e manter vivo o bebê recém-nascido até o iminente fim da guerra com a queda de Hitler.

A psicanálise, através do fragmento da vida de Freud, atesta que a violência do racismo e dos impactos psicossociais dele decorrentes são horrores que atingem os “diferentes” e inferiores étnicamente (racialmente) sejam eles pobres, ricos, famosos, seres de prestígio ou não.

Com a população negra, nada é diferente. Príncipes, reis e rainhas foram escravizados em nome da “inferioridade étnica”. O genocídio da população negra africana a partir da escravização que durou formalmente quatro séculos (do século XVI ao XIX), e o extermínio contemporâneo de jovens negros nos territórios do Brasil (favelas, periferias, morros, alagados, subúrbios, palafitas...) e também a rejeição deste contingente humano étnico vindo das “Áfricas” nas travessias pelo Mediterrâneo, naufragados e impedidos de aportar em costas europeias, representam esta violência racializada, diante da diferença e as formas de relações étnicas que se inscrevem no contexto nacional e internacional na contemporaneidade.

As formas individuais e coletivas no tratamento às relações étnicas no Brasil e no mundo na contemporaneidade são políticas e gestão que atravessam e impactam no psiquismo e formação emocional-afetiva das pessoas e determinam suas identidades: de brancos, negros e indígenas; e de todos os “amalgamados” (mestiços, híbridos, interracializados, inter-étnicos...enfim) que numericamente são expressões significativas de populações no contexto de todas as sociedade globais, regionais e locais.

---

<sup>29</sup> VILLARI, Rafael Andrés. *Entre Viena e Londres: uma visita à casa de Sigmund Freud*. Revista Psicologia Ciência e Profissão. Versão Impressa ISSN 1414-9893, vol. 20, n. 03, Brasília, Set/2000, p. 01.

Possuir o cacau, o chocolate, guarda-lo como preciosidade para a salvaguarda da vida, daqueles que amamos deve ser um valor, um compromisso humano e social de solidariedade e valorização da existência. A vida é a preservação do conjunto dos hábitos e costumes de alguém ou de um grupo, é a preservação da maneira de viver, a valorização do comportamento e necessidades de um povo ou pessoa.

O holocausto judeu é reverenciado e lembrado como legado a não se repetir jamais.

O holocausto a partir da escravização do africano negro, anterior ao massacre e discriminação étnica contra o povo judeu, ainda é preterido na memória das injustiças e crimes gravíssimos cometidos pela humanidade. O legado do sofrimento africano não é em muitas sociedades, incluindo o Brasil, lembrança e memória efetiva de atrocidades barbaras que não podem se repetir com nenhum grupo étnico independente de sua pertença.

Porque o Brasil e o mundo relegam ainda efetivamente e politicamente esta marca terrível na história humana? Somos nós, de ascendência negro africana tão humanos como os judeus – os quais foram e ainda são preteridos em sua igualdade – e qualquer outro povo étnico do mundo.

O mundo é a casa humana de todos nos. Viver nela com dignidade, liberdade, condições do exercício da vida (costumes, comportamento, hábitos, heranças, legados, pertenças), é direito inalienável de todos os que aqui no mundo estão. Sejam negros, brancos, indígenas ou não. A morada é de todos.

Estes valores são a base da fundação da filosofia, do humanismo e representam o salto civilizacional a partir do desenvolvimento da condição mental humana. Do aparelho psíquico, da emocionalidade, dos afetos, da psicologia e da psicanalise.

Neste mundo contemporâneo do século XXI, observamos o crescimento da individualidade, a valorização da técnica, da manipulação de jogos e máquinas como mais importantes que as formas de diálogos e relacionamentos entre pessoas.

Um declínio civilizacional se apresenta como naturalizados: violências gratuitas, imposições ideológicas pela força, liberdades cerceadas, vigilâncias constrangedoras e opressoras, naturalização da miséria, da pobreza, da desigualdade e das injustiças. Hábitos, costumes e comportamentos de vida padronizados, extirpados de suas culturas, atrelando-se a uma cultura hegemônica, de um pensamento único constrangedor da vida e que sobrepõe o militarismo dogmático da uniformização de todos, sem diferenças, sem alteridade, sem a

companhia de “outros”.

As realidades humanas são os alicerces das importantes inovações e inscrições técnico científicas. Na contemporaneidade, as relações étnicas na psicologia, na psicanálise no Brasil e na França, bem como no mundo, necessitam aprimorar e fundamentar-se com um olhar verdadeiramente humano em face das relações étnicas.

O Brasil muito mais que a França. Pois é no Brasil que todos se congregam ainda que com as violências bárbaras que assistimos e temos cada vez mais presenciado em nosso contexto. Estamos paulatinamente desconstruindo e superando o mito da democracia racial e construindo novas perspectivas a partir do compromisso de autenticar a realidade.

Como brasileiros, a exemplo do legado africano incrustado em nosso DNA civilizacional, temos muito a oferecer ao mundo. Sim, o Brasil ainda pode oferecer a grande produção de alimentos para o mundo. As grandes colheitas já realizadas pelas diásporas do Atlântico em todos os territórios do mundo. Por isso, ainda que os golpes políticos se apresentem como medidas cerceadoras da transformação dos tempos, a marcha das populações desprezadas não obedece a este tempo. Ela segue, produzindo seus alimentos para o mundo, a despeito da colheita que outros, com toda a certeza, terão condições de realizar. Cabe agora, como em todos os tempos, o plantio, a semeadura da força da ciência, da vida e da esperança. Condição do mundo, condição etnicamente humana. Assim o alimento sempre nos retornará. Desde que possamos avançar a partir da crítica e refazer ou criar os meios para outros caminhos.

Portanto é crucial demandar: qual “*morceu de chocolate*” haverá de vir em nosso retorno? O bombom de chocolate há de nos prestigiar? Tem a psicologia brasileira, a psicologia que se realiza no Recôncavo e a psicologia da Bahia um pequeno pedaço de chocolate para ofertar? Qual a qualidade de nosso sacrifício, consciência do que é preciso ofertar, para a elevação da construção humana de nosso tempo e civilização presente? Temos, a psicologia, o pequeno pedaço de chocolate ou nos inscreveremos nos espaços segregados das disputas pelo poder almejando a segregação dos corpos e principalmente dos corpos negros que não constam nas agendas do currículo formal das disciplinas de nossas universidades brasileiras e representam a ideia retrógrada e reacionária de Nina Rodrigues como um fantasma vivente em nossas ações atemporais inconscientes que nos instam a renegar a nossa matriz étnica constituinte de nosso povo e identidade brasileira?

O racismo de matriz étnica africana aporta sobre o mundo de todos.

O racismo não é um problema apenas do Brasil. Ele é o problema que persiste no mundo.

Qual psicologia e qual psicanálise, pesquisadores e profissionais do campo, serão capazes de engendrar na roda da vida técnica e científica? Seremos capazes de reinventar os legados que Freud e Amadou Hampatê Bâ nos oferecem para a compreensão da importância das relações étnicas no contexto do legado negro africano na ordem da civilização e nos modos de compreender o psiquismo humano?

Qual engendramento civilizacional seremos capazes de testemunhar:

- a) A cegueira de um Édipo enclausurado em sua tragédia;
- b) Ou o sopro da ética da vida, protagonizado pelo cuidado de sua filha-irmã Antígona que clama por justiça, para enterrar com honras seu irmão?

Antígona clama pela ética, pelo alicerce fundamental do respeito à vida, à dignidade do ser humano com a preservação dos ritos da solidariedade mesmo diante de tragédias de causas vencidas. Mesmo no limite extremo da morte. Pois reverenciar a morte é garantir a germinação da qualidade e nascimento de outras vidas.

Na etnicidade civilizacional negra africana, o ostracismo de Omulu, será superado também pela elegância e força de Iansã. A única capaz de descer a mansão da morte para preparar a travessia dos espíritos que deixam os corpos. Pois foi ela, como Antígona, a única mortal capaz de reverenciar e lutar pela dignidade humana na necessidade de preservar a pertença e o legado da vida que se constrói sobre a terra após a morte.

Sim, Iansã, foi uma mulher mortal que se tornou deusa, porque foi solidária com a existência daqueles que eram desprezados e martirizados em vida.

Iansã, corajosa e altiva, foi a única capaz de reverenciar Obaluaiê em sua dignidade. Dançando com alegria e entusiasmo com ele.

Iansã, como a grega Antígona, preservou a dignidade do Rei Obaluaiê. Dançando com ele, na roda da vida, deu a conhecer à todos a luz vibrante e primordial que dele emana. Iluminando, para a surpresa de todos, a consciência de que a morte é também enredo da vida. De que a dor, o medo e a morte devem ser enfrentados. E vencidos.

Omolu/Obaluaiê, como Édipo, foi rejeitado por sua mãe. Porém, foi recebido e amado por

Iemanjá que o recolheu quase morto de suas águas. Obaluaiê é o símbolo daquele que da improvável sobrevivência, alcançou com grande luz a vitória sobre a morte.<sup>30</sup> Porém, com o corpo marcado pelas cicatrizes de suas batalhas pela vida, ele se recolheu em exílio para longe de todos. Solitário e pouco sociável, somente Iansã foi capaz de, com justiça, valorizar a dignidade e superação magistral daquele que se tornou o temível deus que vence a morte. E assim vitorioso, conhece e guarda todos os seus mistérios.

Para que haja vida, a morte, enquanto dialética, deve estar presente. Devemos enterrar os fantasmas que nos assombram. Nina Rodrigues e os pilares eugenistas que fundam e ainda influenciam a psicanálise e psicologia brasileira. Para que enfim a visão nos seja dada e a vida possa começar a brilhar, como o levantar das palhas vibrantes na dança de Iansã com Obaluaiê. Luz que se apresenta na vida. Renascimento da morte.

- Atotoô! Atotoô! Atotoô!

- Epanhei! Epahei! Epahei!

- Epa Babá! Epa Babá! Epa Babá!

Se os operadores do direito, mestres, doutores e cientistas jurídicos saldaram e tendem a salvar as qualidades de Antígona – Minerva – eu, a partir dos legados de pertença negra africana, etnicamente orientada, cientista da psicologia e protagonismo internacional no contexto francês e brasileiro saúdo Obatalá – Deus da Paz e da Bondade, Iansã – Deusa Altiva e Corajosa Justiça, e Obaluaiê – Deus que Superou a Morte, Guardiã dos Segredos do Renascimento.

A ciência psicológica no Brasil iniciou-se na Bahia. A psicologia e a psicanálise no Recôncavo da Baía de Todos os Santos - assim como em boa parte do Brasil, tem negado sua face e seu olhar para a verdade, para a etnicidade, para as relações étnicas. Mas neste território santo, a predestinação do nome nos lança nos mares de Todos! A psicologia no Brasil deve representar e se ocupar – tratar, considerar, ofertar o chocolate, a possibilidade da permanência da vida, à todos! Indistintamente.

Que em nossos guardados de psicólogos brasileiros, o pequeno pedaço de chocolate possa existir com a doçura do mel de Oxum, com pureza e habilidade de Ewa, com a justiça

---

<sup>30</sup> Eyin, Pai Cido de Ósun. Candomblé. A panela do segredo. Ed. Mandarim: São Paulo, 2000, p. 116.

corajosa de lã, para que o combate ao racismo no mundo tenha mais braços eficazes para aplaca-lo a partir de relações étnicas mais saudáveis: na vida social, nos postos e unidades de saúde, nas escolas e instituições públicas e privadas, enfim, nos campos de atuação do profissional da psicologia: agente de saúde mental e bem estar biopsicossocial.

## Referências

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Espelho do mundo: Juquery, a historia de um asilo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

EYN, Pai Cido de Ósun. *Candomblé. A panela do segredo*. Ed. Mandarim: São Paulo, 2000, p. 116.  
FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Imago: Rio de Janeiro, 1987.

GAY, Peter. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. Cia das Letras :Sao Paulo, 1989.

HAMPATE BÂ, Amadou. *Aspects de la civilisation africaine*. Presence Africaine: Paris, 1972.

HAMPATE BÂ, Amadou. *Amkoullel, o menino fula*. Palas Athena/Casa das Áfricas: São Paulo, 2000.

MASSIMI, M. *Estudos históricos acerca da psicologia brasileira*. In FREITAS, RH, (Org.) *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 69-83. ISBN: 978-85-99662-83-0.

MITSUKO, Aparecida Makino Antunes. *A psicologia no Brasil – leitura histórica sobre sua constituição*. EDUC: São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. *A identidade de jovens negros nas periferias das metrópoles: recortes entre São Paulo e Paris*. São Paulo, Tese de Doutorado, PUC/SP, 2008.

OLIVEIRA, Reinaldo José de Oliveira. *A cidade e o negro no Brasil – cidadania e território*. Alameda Casa Editorial: São Paulo, 2013.

VILLARI, Rafael Andrés. *Entre Viena e Londres: uma visita à casa de Sigmund Freud*. Revista Psicologia Ciência e Profissão. Versão Impressa ISSN 1414-9893, vol. 20, n. 03, Brasília, Set/2000.

**Regina Marques de Souza Oliveira:** Doutora em Psicologia Social, Psicanalista. Pós-doutorado (financiamento CAPES, 2016) no Instituto dos Mundos Africanos em Paris (IMAF/EHESS-Paris/França) em Saude Mental da População Negra e Diaspora Africana. Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Centro de Ciências da Saude e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade/Jequié).

**Artigo recebido para publicação em:** Setembro de 2017.

**Artigo aprovado para publicação em:** Novembro de 2017.